

Credor mantém financiamento ao Brasil

São Paulo — O Brasil pode continuar contando com os US\$ 400 milhões em linhas de curto prazo para financiamento de comércio internacional (US\$ 350 milhões) e bancos nacionais com agências no exterior (US\$ 50 milhões). A decisão foi anunciada oficialmente ontem por Arthur Ryan, presidente mundial do Chase Manhattan Bank, segundo maior credor americano do Brasil. Ryan, responsável pelas decisões da instituição junto ao comitê internacional de bancos para a negociação da dívida externa, disse que o acordo da dívida externa, sozinho, não é suficiente para que o Brasil reconquiste a confiança da comunidade financeira e empresarial internacional e pediu mais rapidez do governo para adotar medidas de estabilização econômica, inclusive a privatização. Na sua opinião, os bancos internacionais deverão aceitar fechar um acordo sobre o principal da dívida externa brasileira nos termos do Plano Brady, como já ocorreu com México, Venezuela e Filipinas, "A estratégia Brady seria apropriada. O mais importante, porém, é que os bancos credores estão dispostos a negociar a dívida brasileira o mais rápido possível", afirmou Ryan.

O Plano Brady, criado pelo secretário do Tesouro Americano, Nicholas Brady, como modelo de negociação da dívida dos países em desenvolvimento, prevê uma grande variedade de opções para o tratamento do débito. Incluem-se, nesse cardápio, a redução de parte do principal da dívida com os credores privados, hoje em torno dos US\$ 60 bilhões, e a utilização de mecanismos como a conversão de dívida externa em investimentos. Ryan lem-

brou ainda que o Plano Brady prevê a renegociação de parte da dívida com o ingresso de dinheiro novo para os países endividados. "Para a negociação da dívida externa existe uma série enorme de alternativas, desde a redução do estoque até a sua combinação com a liberação de dinheiro novo", afirmou Ryan. "Só que a negociação da dívida não é tudo, Será necessária a reconquista da estabilidade econômica". Mais importante que as palavras do banqueiro internacional, causou impressão a mudança de humor em relação ao Brasil.

Comando

Arthur Ryan, um executivo que tirou a instituição de um prejuízo de US\$ 665 milhões no exercício de 1989 para um prejuízo de US\$ 334 milhões em 1990 e, finalmente, lucro de US\$ 117 milhões no primeiro trimestre de 1991, procurou deixar claro que o Brasil continua no mapa da estratégia global de operações mundiais do Chase Manhattan. Esse recado foi transmitido durante almoço com representantes das principais multinacionais instaladas no Brasil, ontem, em São Paulo. "Minha confiança se deposita nos dez anos de conhecimento que tenho de Brasil", afirmou Ryan. "Não tenho preocupações com o curto prazo da economia brasileira e essa visão é compartilhada pela maioria dos bancos americanos". Ryan aproveitou sua visita ao Brasil para esclarecer que os banqueiros credores não têm nenhuma preferência sobre quem está comandando a equipe econômica brasileira, desfazendo interpretações de que a comunidade financeira não tem simpatia pela ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello.

